

# Diversão & Arte

» MARIA CLARA BRITTO\*

O arquiteto, artista plástico, cineasta de fotógrafo Luis Jungmann Girafa gosta de flunar com a câmera na mão e o olho atilado em busca de extrair relances de poesia de cenas triviais cotidianas. Esses flagras foram reunidos no livro *Retratos*. Ao mesmo tempo, ele desenvolve o projeto de uma série de registros sobre ateliês de diversos artistas. O primeiro volume da série se chama *Ena* e revela o ateliê do fotógrafo Eustáquio Neves. *Retratos* é um passeio fotográfico por diversos locais de diferentes cidades em busca de flagras poéticas; e *Ena* é o primeiro livro de uma série de ensaios que pretende fazer uma memória abstrata dos ateliês de diversos artistas, nesse caso do ateliê do fotógrafo Eustáquio Neves. Girafa autografa os dois livros, hoje, às 19h, no Beirute (109 Sul).



Luis Jungmann Girafa, autor de Retratos

*Retratos*, primeira obra, inspirou um poema da Maria Lucia Verdi (leia abaixo), em que cada linha nomeia uma página dupla do livro. “O entendimento que ela sentiu do livro é muito estimulante”, comenta, ao *Correio*, Girafa. O próprio autor também escreveu um poema sobre as imagens.

Girafa explica que o livro não possui uma mensagem única. “Quero que desperte nas pessoas que irão ver o livro um tipo de emoção que seja benéfico, que elas possam tirar do livro o que vai lhe servir, permitindo sempre uma leitura personalizada”, diz. O autor de 72 anos ressalta que o espírito do livro remete à infância: “Quando eu era garoto, a gente falava, vamos tirar retrato. Vamos tirar retrato podia ser da paisagem, não era uma coisa identificada com a pessoa. Então o livro tem um pouco deste espírito, deu recuperar essa alegria de tirar retrato quando era menor”.

O fotógrafo capta as suas imagens de maneira espontânea, intuitiva e instintivas, sem roteiro prévio, ao sabor do instante. “Eu saio fotografando sem interesse específico, depende

do dia, da luz, pode ser coisas concretas ou abstratas. Depois, organizo de tal forma que concebo um livro com aquilo. Eu não tenho um roteiro prévio, acontece enquanto estou fazendo, cada um é diferente, cada um faz uma provocação e eu procuro criar uma narrativa.” No livro *Retratos*, as fotos são todas em preto e branco. motivo segundo o autor, é para afastar as imagens da vida real e criar algo ficcional. Em poema sobre as fotos, Girafa escreve: “Os retratos em preto e branco/Todos eles reveladores/Que se fosse vida, seria a cores.”. E, no prefácio, José Roberto Bassul afirma: “Retratos é espelho do que não se vê. Vela e revela, mostra e esconde. Retrato é silêncio e fala, corpo e ausência. Retratos é o que foi ou pode ter sido. O que é, ou não. Retratos pode ser o que será. É testemunho e

imaginação, abulia e desejo”.

Na obra *Ena*, Girafa entra no universo das cores. “Para mim, a foto só existe no papel, no papel impresso, seja como livro, revista, jornal ou uma foto que vai para a

parentese”, esclarece. Por isso, ele sempre edita um livro, mesmo que não seja para difusão pública.

Além de fotógrafo, ele é artista plástico e cineasta, com mais de 20 projetos, entre eles videocliques, curtas, longas e peças de teatro, como diretor de arte e cenógrafo, e fala sobre a diferença entre essas artes. “São formas diferentes. Por exemplo, a pintura, para mim, é desenho. Ela tem uma coisa muito livre. Eu não uso a pintura para reproduzir fotos.” A galeria dele, Galeria Matéria Plástica, instalada em condomínio no Altiplano Leste, reabrirá em abril deste ano com uma exposição de seus trabalhos e de trabalhos dos artistas que ele representava e dos que ainda representa. Durante a exposição, nos finais de semana, haverá sarau poético e musical: “É uma casa dos artistas”, afirma Girafa.

\*Estagiária sob a supervisão de Severino Francisco

LUIS JUNGMMANN GIRAFA AUTOGRAFA, HOJE, NO BEIRUTE DA ASA SUL, DOIS LIVROS DE FOTOGRAFIA, UM COM RETRATOS COTIDIANOS, E OUTRO SOBRE ATELIÊS DE ARTISTAS

## FLAGRAS



me escondo, me aproximo de mim, percorro

## POÉTICOS



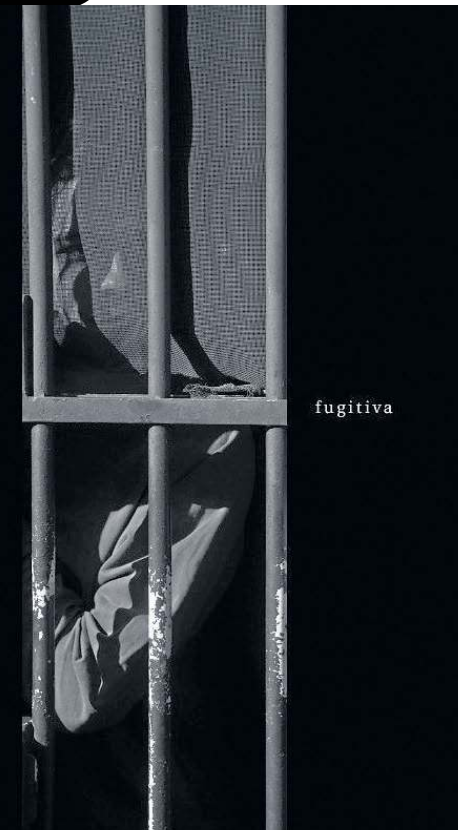
nada sei de mim, mas o outro me aponta. Permaneço



## DE CENAS



minha sombra independe de mim,



fugitiva

## TRIVIAIS

### Retratos

A partir das extremidades andar, tocar, criar  
Me escondo, me aproximo de mim, percorro  
Desde a parede a rua, na cidade me acho e me perco  
Exposta, velada, misturada  
Vejo o beijo dos beijos, mãos que não me seguram  
Nunca, nunca o que é fácil, adquirível  
Traços de mim nesses outros traços, velada  
Minha sombra independe de mim, fugitiva  
Cada clic me fixa, me desvia, irreconhecível  
Em meio aos outros me perco, me acho  
Entre um sonho e outro, desvios  
Duos, dualidades, dúvidas no encontro refaço-me  
Refaço-me corpo entre corpos  
Insiro-me no outro, provoco  
Ato meus pés e mãos, me atendo  
Nada sei de mim, mas o outro me aponta. Permaneço  
Entre fugidias cenas, meu olho percorre  
Esorro entre a visão da luz, os reflexos  
Revisto-me, me amalgamo. Bicho que sou  
E nada me convence do que sou  
Dispersa, alheia, passante  
Entre um recorte e outro, me desvelo  
Perfurada, translúcida, viajante  
Reconheço o mundo. Me recoloco no espaço, vagueio  
E a brisa do novo me invade  
A brisa do novo no antigo, no desde sempre  
Percorro a cidade entre o hoje e o ontem  
Misturo possibilidades, magias  
Escapo e me consolido  
Toco, abro, relaxo o ente, ser em comunhão

Maria Lucia Verdi